

O SUFRÁGIO FEMININO POR EMMA GOLDMAN

THE FEMALE SUFFRAGE BY EMMA GOLDMAN

Nilciana Alves Martins ¹

Resumo: O presente artigo busca compreender qual era a perspectiva da feminista e anarquista Emma Goldman (1869-1940) no que se refere ao sufrágio feminino. Inicialmente, será apresentada a trajetória biográfica e política da pensadora em questão. Posteriormente, investigaremos o artigo “*Sufrágio Feminino*” (1911) escrito por Goldman e que, por sua vez, foi publicado primeiramente na revista *Mother Earth*. Acreditamos que, com a análise crítica desse escrito, conseguiremos compreender qual era a perspectiva goldminiana em relação ao sufrágio e seus possíveis desdobramentos políticos, sociais e culturais. Além disso, ao olhar criticamente para essa fonte, visto que Goldman tratou ali de muitos aspectos que dizem respeito à condição social, política e cultural das mulheres naquela sociedade, teremos a oportunidade de exemplificar a complexidade da perspectiva teórica de Emma Goldman no que diz respeito a algumas facetas do que hoje chamamos de feminismo.

Palavras-chave: Emma Goldman; Sufrágio Feminino; História Intelectual.

Abstract: This article seeks to understand the perspective of feminist and anarchist Emma Goldman (1869-1940) regarding women's suffrage. Initially, the biographical and political trajectory of the thinker in question will be presented. Later, we will investigate the article "Women's Suffrage" (1911) written by Goldman and which, in turn, was first published in mother earth magazine. We believe that, with the critical analysis of this writing, we will be able to understand what the Goldminian perspective was in relation to suffrage and its possible political, social and cultural consequences. And, moreover, by looking critically at this source, since Goldman dealt there with many aspects that concern the social, political and cultural condition of women in that society, we will have the opportunity to exemplify the complexity of Emma Goldman's theoretical perspective with regard to some facets of what we now call feminism.

Keywords: Emma Goldman; Women's Suffrage; Intellectual History.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha de “Narrativas, Imagens e Sociabilidades”, com o projeto “Se não posso dançar, não quero fazer parte de sua revolução: Um estudo sobre a representação da mulher nos escritos de Emma Goldman (1896-1940)”, com financiamento da CAPES. E-mail: nilcianaalves@gmail.com.

Introdução

Eu mesma nunca cheguei a entender direito o que quer dizer feminismo: só sei que as pessoas me chamavam de feminista toda vez que expresso sentimentos que me diferenciam de um capacho. (Rebecca West, 1913)

A historiografia, por muitos anos, negligenciou quase todos os aspectos que se relacionavam às mulheres e às demais camadas oprimidas da sociedade. Por muito tempo, a História foi escrita de forma que as mulheres, isto é, a sua atuação e condição em uma dada sociedade, fossem excluídas e silenciadas no que se refere aos estudos históricos. Tal cenário, de fato, só se modificou entre as décadas de 1960 e 1980, momento no qual começou a se desenvolver uma renovação da história que, por sua vez, tinha como base as críticas feministas. Essa renovação trouxe muitos ganhos para a disciplina histórica e possibilitou uma maior compreensão de diversas questões presentes em diferentes temporalidades. Foi com o desenvolvimento dessa renovação, por exemplo, que pesquisadoras conseguiram identificar a existência de uma significativa atuação das mulheres no que se refere à produção histórica em seu período de pré-ciência.

Também o ano de 1980 significou uma mudança de paradigma nas ciências humanas no geral e que, evidentemente, expressou-se dentro da história de maneira particular. E, nesse sentido, foi na década de 80 que os historiadores começaram a se atentar de maneira significativa para os “diferentes aspectos micro-históricos extraídos da vida cotidiana de homens normais”², como também para “o significado da cultura e da linguagem para as construções conceituais da realidade em constante mutação”³. Tal mudança de paradigma proporcionou uma ampliação do que poderia ser considerado como objeto de estudo por parte das/os historiadoras/os; com isso, “desde os anos 1980, não somente as temáticas sobre mulheres e gênero adquiririam crescente importância na historiografia, mas também sobre raça, etnia e pertencimento de classe”⁴.

Ademais, “o interesse por mulheres, pelas temáticas de gênero e pela sexualidade aumento significativamente, nos anos de 1990”⁵. Tal situação, isto é, o desenvolvimento da história das mulheres e da categoria gênero, teve relação com o contexto político, econômico e cultural daquela época e, evidentemente, com a pressão que as críticas feministas elaboraram no que se refere à forma como a disciplina histórica até então se desenvolvia. Nas palavras de Margareth Rago:

² IGGERS, Georg. “Desafios do século XXI à historiografia”. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 4, mar. 2010, p. 108.

³ Idem.

⁴ Idem, p. 110.

⁵ Idem.

É ao longo da década de 1980, porém, que emerge o que se poderia considerar uma segunda vertente das produções acadêmicas sobre as mulheres. Aí floresce um conjunto de estudos preocupados em revelar a presença das mulheres atuando na vida social, reinventando seu cotidiano, criando estratégias informais de sobrevivência, elaborando formas multifacetadas de resistência à dominação masculina e classista. Confere-se um destaque particular à sua atuação como sujeito histórico, e portanto, à sua capacidade de luta e de participação na transformação das condições sociais de vida.⁶

Segundo a historiadora Joana Maria Pedro, nos anos de 1970, “a categoria seria a de ‘mulher’, pensada como a que identificaria a unidade, a irmandade, e ligada ao feminismo radical”⁷. Por outro lado, “os anos 1980 seriam aqueles identificados com a emergência da categoria ‘mulheres’, resultado da crítica das feministas negras e do Terceiro Mundo”⁸; já o feminismo de 1990 “seria o da categoria ‘relações de gênero’, resultado da virada linguística e, portanto, ligada ao pós-estruturalismo e, por fim, à própria crítica a essa categoria, encabeçada por Judith Butler”⁹. Evidentemente, essas categorias são inseridas nas “historiografias nacionais” de formas e em tempos diferentes, como bem apontou a própria Joana Maria Pedro no já citado artigo “Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea”¹⁰.

Por fim, devido, entre outras coisas, ao trabalho de pesquisadoras/es que há décadas dedicam-se a estudar as mulheres e, como consequência da renovação já aqui mencionada, as mulheres começaram a serem vistas como seres históricos e que, por isso mesmo, eram passíveis de agir e pensar enquanto tais, isto é, de resistir e inventar formas de existência no contexto histórico no qual estavam inseridas. Nesse sentido, essa renovação, então, acabou por “historicizar” as mulheres; com isso, começou a surgir investigações históricas que buscavam compreender suas atuações privadas, públicas, sociais, políticas e culturais. E, vale lembrar, as categorias “mulheres” e “gênero”, por exemplo, têm afetado pesquisas que não necessariamente dedicam-se somente aos estudos de gênero. Em virtude disso, nosso artigo parte exatamente de um diálogo entre categorias como “mulheres” e “gênero” e a história intelectual propriamente dita.

O presente trabalho, ao investigar a perspectiva intelectual da feminista e anarquista Emma Goldman, baseia-se no aporte metodológico desenvolvido pelo historiador Quentin

⁶ RAGO, Luzia Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (org.). “**Cultura Histórica em debate**”. São Paulo: Unesp, 1995, p. 82.

⁷ PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 270-283, jun. 2011. p. 271.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

Skinner, no artigo “*Significado y comprensión en la historia de las ideas*”¹¹. Skinner, no que se refere à “Escola de Cambridge”, foi um dos primeiros a sistematizar um projeto metodológico para a história das ideias que, de fato, pudesse combater o que ele chamou de mitologias que assolavam os estudos da história do pensamento político. No referido artigo, Skinner evidenciou que os pesquisadores que, com o objetivo de alcançar a compreensão de uma obra, adotassem procedimentos mais tradicionais, isto é, partissem da clássica concepção que apostava no “contexto” ou na “autonomia do texto”, acabavam por perpetuar absurdos históricos que, por sua vez, Skinner “anatomizou” e deu o nome de mitologias¹².

Skinner não só evidenciou essas mitologias em seu artigo, mas também sugeriu uma nova proposta metodológica, uma metodologia alternativa. Em sua proposta, o pesquisador que se dedicasse a compreender o pensamento de uma dada pessoa deveria, em grande medida, atentar-se para as seguintes questões: qual era a intenção do autor/a; qual era o significado para o próprio agente. Também investigar qual era o uso das palavras e seus significados dentro do pensamento que está sendo analisado.

No presente trabalho, buscamos compreender o significado que questões relativas ao universo do gênero e das demandas políticas femininas adquiriram dentro do pensamento de Emma Goldman. Desejamos investigar qual foi o uso que a anarquista fez das palavras que estavam disponíveis em seu “contexto linguístico” e o significado que elas adquiriram no seu pensamento. Qual era a perspectiva de Goldman em relação à demanda do sufrágio feminino? Para justificar sua posição ela recorreu a quais argumentos? Essas são algumas questões que o presente artigo busca investigar e, em nossa pesquisa, visto que Goldman é uma mulher feminista e anarquista que escreve sobre outras mulheres, sob sua condição social, política, cultural e subjetiva, como também sob as demandas feministas, categorias de análise histórica, como “gênero” e também “mulheres”, serão consideradas no decorrer de nossa pesquisa.

A essa altura, sabendo sobre os procedimentos metodológicos empregados no presente trabalho, faz-se necessário entender como que a pensadora Emma Goldman apareceu nos estudos da disciplina histórica. É evidente que a história do feminismo falou pouco de mulheres anarquistas, sendo a sua contribuição intelectual negligenciada em muitos estudos. Só para termos uma ideia, no que diz respeito à nossa pensadora, existe, no Brasil, somente um livro publicado e que tem como objeto de pesquisa a vida de Emma Goldman; foi escrito por

¹¹ SKINNER, Quentin. Significado y comprensión en la historia de las ideas. **Prismas**, Revista de história intelectual, n. 4, 2000, p. 149-191.

¹² Skinner, ao nomear esses absurdos históricos que, por sua vez, eram oriundos da adoção de uma perspectiva metodológica mais tradicional dentro da história das ideias, fala, entre outras coisas, da existência da “mitologia das doutrinas”, “mitologia da coerência”, “mitologia da prolepsis”, “mitologia do localismo”.

Elisabeth Lobo em 1983¹³. No referido livro, Lobo apresentou a trajetória biográfica de Goldman ao público brasileiro. Outro nome que merece ser destacado é o de Liane Peters Richter, que, em 1998, escreveu a dissertação “*Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura*”¹⁴. Além dessas obras citadas, o restante da produção em língua portuguesa sobre Goldman se resume, majoritariamente, a artigos publicados nos últimos anos¹⁵ – mas que não chegam nem mesmo a somar duas dezenas – e pouquíssimas pesquisas de mestrado, que, diga-se de passagem, ainda estão em andamento. Tal fato sugere que pesquisar Goldman, principalmente no que se refere à historiografia brasileira, é um “campo” ainda emergente.

E, no Brasil, não é somente nas pesquisas históricas que Goldman apareceu de forma ainda muito discreta; tal situação se repete quando olhamos para o universo editorial. Isso porque, até mesmo as traduções, no que se refere aos escritos de Emma Goldman, são recentes no Brasil. Sua autobiografia, por exemplo, ganhou sua primeira tradução e publicação somente em 2015¹⁶. Já seus artigos feministas ainda estão em processo de tradução, por conta do “Projeto Emma Goldman”, iniciado em 2019, pela Editora Terra Livre. Seu livro *My Disillusionment in Russia*¹⁷, publicado inicialmente em 1923, só ganhou tradução para o português em 2017, e o segundo volume da obra, em 2018.¹⁸ E, nesse sentido, também quando nos direcionamos para o universo editorial, percebemos que Goldman aparece de maneira muito discreta e recente.

Em nível internacional, como Goldman apareceu nas pesquisas históricas? Pois bem, pesquisar Goldman ainda é um “campo” emergente, mas, de fato, esse “campo” é mais emergente no Brasil do que em outros países, visto que internacionalmente conseguimos identificar um volume maior de publicações sobre a pensadora, mas, vale ressaltar, que, em

¹³ Cf. LOBO, Elisabeth Souza. “**Emma Goldman — A vida como Revolução**”. São Paulo, Brasiliense, 1983.

¹⁴ Cf. RICHTER, Liane Peters. “**Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura**”. 1998. Dissertação de Mestrado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

¹⁵ Cf. RAGO, Luzia Margareth. “Prefácio à Emma Goldman: tráfico de Mulheres”. **Cad. Pagu [online]**. 2011, n.37, p. 263-271. BLANCHETTE, Thaddeus. “Emma Vermelha e o espectro do ‘tráfico de mulheres’”. **Cad. Pagu [online]**. 2011, n. 37, p. 284-297. MARTINS, Nilciana Alves. “Emma Goldman e Liév Trótsky: Uma Análise Comparada dos Discursos”. **Cantareira** (UFF), 2018, n.28, p. 161-171. MARTINS, Nilciana Alves. “Mulher, política e religião: o puritanismo por Emma Goldman”. **Revista Faces de Clio**, 2019, v.5, n.9, p. 69- 82. MARTINS, Nilciana Alves. “A Revolução Russa por Emma Goldman”. **Aurora** (UFF), 2018, n.1, p.39-48. MARTINS, Nilciana Alves. “**Emma Goldman: Trajetória, Anarquismo e Feminismo**”. In: Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio – História e Parcerias, 2018, Niterói. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpuh- Rio, 2018. MARTINS, Nilciana Alves. “**O controle de natalidade nas páginas da Mother Earth**”. In: 2º Encontro Internacional História & Parcerias, 2019, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2019.

¹⁶ Cf. GOLDMAN, Emma. “**Vivendo minha Vida**”. Curitiba: L-Dopa Publicações, 2015. 712 p.

¹⁷ Cf. GOLDMAN, Emma. “**My Disillusionment in Russia**”. New York: Doubleday, Page & Company, 1923.

¹⁸ Cf. GOLDMAN, Emma. “**Minha desilusão na Rússia (Vol. 1)**”. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017. 254 p. GOLDMAN, Emma. “**Minha desilusão na Rússia (Vol. 2)**”. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2018. 176 p.

muitas dessas obras, o pensamento intelectual de Goldman foi negligenciado – como, por exemplo, aconteceu no livro *Rebel in Paradise: A Biography of Emma Goldman*¹⁹, no qual o biógrafo mais conhecido de Goldman, Robert Drinnon, devido à sua visão muito masculina sobre o que é conhecimento, declarou que “*she was not at all a relevant political and social thinker*”²⁰.

Foi em 1980, na Universidade da Califórnia, em Berkeley, que se teve o início do projeto *Emma Goldman Papery Project* (EGPP). Tal iniciativa contribuiu significativamente para a organização e a publicação de diversos escritos e demais materiais históricos ligados à figura de Emma Goldman. É, então, a partir da década de 80, que, majoritariamente, Goldman começou a ser objeto de algumas pesquisas históricas. Bianchi, por exemplo, ressaltou que não surpreende que tenham sido, sobretudo, as “*estudiosas feministas, con la convicción que la experiencia existencial enriquece e ilumina el pensamiento, las primeras en considerar la filosofía política y social de Emma digna de atención*”²¹. E, por isso, existem autoras como Candace Falck²², Alix Kates Shulman²³ e Alix Wexler²⁴ que, não raro, buscaram estudar, por exemplo, aspectos da vida íntima de Goldman ou, como no caso da Shulman, que acabaram por realizar um resgate biográfico que fosse capaz de dar conta de evidenciar aspectos negligenciados por biógrafos mais tradicionais.

Mas, veja bem, grosso modo, podemos perceber que Goldman tem recebido pouca atenção de pesquisadoras/es das mulheres e do gênero, como também das pesquisadoras/es que se dedicam a estudar o anarquismo e o pensamento intelectual – isso, principalmente, nas produções de língua portuguesa. E, diante do fato de que Goldman, ao escrever seus artigos, muitas vezes se mostrava leitora de diferentes teóricos e, portanto, não somente pensadores de sua corrente ideológica, a anarquista tem sido, muitas vezes, colocada de maneira estereotipada até dentro das perspectivas anarquistas mais contemporâneas. Murray Bookchin, por exemplo, chegou a declarar, com certo tom de desprezo, que “apesar da confissão ideológica

¹⁹ Cf. DRINNON, Robert. “**Rebel in Paradise: A Biography of Emma Goldman**”. Chicago, University of Chicago Press, 1961.

²⁰ “ela não era de todo uma pensadora política e social relevante”. Ibidem, p. 314.

²¹ “estudiosas feministas, com a convicção de que a experiência existencial enriquece e ilumina o pensamento, as primeiras a considerarem a filosofia política e social de Emma digna de atenção”. BIANCHI, Bruna. “**El pensamiento anarcofeminista de Emma Goldman**”. Epílogo. In: “**La mujer más peligrosa del mundo: textos feministas de Emma Goldman**”. Edición: LaCongregación [Anarquismo em PDF], Portada: Reybum, p.144.

²² Cf. SHULMAN, Alix Kates. “**To the barricades: the anarchist life of Emma Goldman**”. New York: Crowell, 1971.

²³ Cf. FALK, Candace. “**Love, Anarchy, and Emma Goldman**”. New York, Rinehart and Winston, 1984.

²⁴ Cf. WEXLER, Alix. “**Emma Goldman: An Intimate Life**”. New York, Pantheon Books, 1984. WEXLER, Alice. “**Emma Goldman in Exile: From the Russian Revolution to the Spanish Civil War**”. Boston: Beacon, 1989. 301 p.

anarcocomunista, nietzscheanos como Emma Goldman continuam, em espírito, bem próximos dos individualistas”²⁵.

E, se em muitos momentos, Goldman, erroneamente, tem sido “*frecuentemente excluida tanto de los estudios generales sobre el anarquismo como de aquellos sobre feminismo*”²⁶ e, ademais, tem sido “*descrita como una divulgadora de las teorías de los demás, en particular de Bakunin y de Kropotkin*”²⁷, a presente pesquisa rompe com essas perspectivas mais tradicionais, ao buscar, após investigar o artigo “*Sufragio Feminino*”, dar conta de exemplificar a complexidade da filosofia política e social desenvolvida pela feminista e anarquista Emma Goldman.

Por fim, no presente artigo, baseando-se em procedimentos metodológicos oriundos das sugestões de Quentin Skinner e, evidentemente, considerando categorias como “mulheres” e “gênero”, pretendemos investigar a perspectiva intelectual de Goldman sobre demandas políticas feministas, mais especificamente, o sufrágio feminino, como também compreender os recursos que ela utilizou para desenvolver sua argumentação, a forma como desenvolveu sua visão a respeito dessas questões. Na seção “Emma Goldman: Biografia e Redes Intelectuais”, apresentaremos a trajetória pessoal e política da pensadora; já em “O sufrágio feminino por Emma Goldman” ocorrerá uma análise crítica da fonte selecionada e, finalmente, na última seção, teremos algumas considerações finais.

Emma Goldman: Biografia e Redes Intelectuais

Emma Goldman, por mais que tenha passado a maior parte da vida em território norte-americano, nasceu em Kovno, região que, naquele contexto, pertencia ao Império Russo, no ano de 1869. Sua infância, segundo seus relatos biográficos, fora marcada pelo autoritarismo dos pais. De origem judia, a família Goldman, ainda em 1881, dado o aumento do antissemitismo, mudou-se para São Petersburgo. Na capital, a jovem se viu obrigada, devido à sua condição de classe, a trabalhar, assim como muitas outras mulheres, em estabelecimentos têxteis para ajudar nas finanças e, mesmo tendo seus estudos oficiais interrompidos devido a tal situação, foi, curiosamente, em Petersburgo que Goldman entrou em contato com obras niilistas, visto que sua irmã, Helena, havia conseguido alguns exemplares com estudantes da época²⁸. Ao falar sobre esse momento da vida de Goldman, Alix Kates Shulman, apontou que:

²⁵ Cf. BOOKCHIN, Murray. “**Anarquismo Crítica e Autocrítica**”. São Paulo: Hedra, 2010, p. 53.

²⁶ “frequentemente excluída dos estudos gerais sobre anarquismo e sobre feminismo”. BIANCHI. Op. Cit., p. 144.

²⁷ “descrita como uma divulgadora das teorias de outros, particularmente Bakunin e Kropotkin”. Idem.

²⁸ GOLDMAN, Emma. “**Viviendo mi vida: Tomo I**”. Salamanca: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 1996, p. 52.

[...] el Zar había sido asesinado y la revolución flotaba en el aire de Petersburgo. Allí, la ya rebelde Emma supo que en Rusia había mujeres revolucionarias que vivían para sí mismas y para la revolución, no para sus hombres. Esas mujeres ansiaban incluso ser mártires por la causa en la que creían, y eran absolutamente diferentes de las otras mujeres que Emma había conocido. Las convirtió en su modelo —en sus ídolos— y se sumó a su feminismo.²⁹

Em 1885, Goldman emigrou para os Estados Unidos, desejando criar uma nova forma de organizar sua vida. Ao chegar a Rochester e, durante quase toda sua vida, Goldman viveu em condições um tanto quanto precárias. De início, viu-se obrigada a trabalhar em diversos estabelecimentos que, não raro, apresentavam péssimas condições para as/os trabalhadoras/es.³⁰ E, nesse sentido, é importante frisar que Goldman era uma mulher trabalhadora, que estava ativa no mundo do trabalho e que, por isso mesmo, passou por diversas fábricas e estabelecimentos comerciais da época.

Em 1886, a luta pela jornada de oito horas de trabalho estava sendo uma forte reivindicação das/os trabalhadoras/es. O movimento que ficou conhecido como *Revolta de Haymarket* teve impactos relevantes na vida de Goldman. Devido ao assassinato dos personagens que ficaram conhecidos como *MÁRTIRES DE CHICAGO*, Goldman optou por “*dedicarme a la memoria de mis compañeros martirizados, a hacer mía su causa, a hacer que el mundo conociera sus vidas llenas de belleza y sus muertes*”³¹ e, por isso mesmo, foi para Nova Iorque, com o objetivo de estreitar laços com os círculos anarquistas da época.

Goldman, já em Nova Iorque, teve a oportunidade de ir até o ao café Sach’s “onde se reuniam ‘os radicais, socialistas e anarquistas, escritores judeus e poetas, falando ídiche e russo’”³². Foi ali que ela conheceu socialistas libertários, como Alexander Berkman (1870-1936). Em um primeiro momento, Goldman se aproximou do periódico *Die Freiheit*, até então dirigido pelo conhecido Johann Most (1846-1906), homem que a convenceu de torna-se uma oradora pública da causa anarquista. Entretanto, em pouco tempo, Goldman percebeu que tinha perspectivas diferentes de Most, principalmente, no que diz respeito à jornada de oito horas e no que se refere à condição da mulher na sociedade.

²⁹ “o czar havia sido assassinado e a revolução flutuava no ar de Petersburgo. Lá, a já rebelde Emma aprendeu que havia mulheres revolucionárias na Rússia que viviam para si e para a revolução, não para seus homens. Essas mulheres até desejavam ser mártires pela causa em que acreditavam e eram absolutamente diferentes das outras mulheres que Emma conhecera. Ele os transformou em seu modelo - em seus ídolos - e aumentou seu feminismo”. SHULMAN, Alix Kates. “La mujer más peligrosa del mundo”. Prólogo. In: “**La mujer más peligrosa del mundo: textos feministas de Emma Goldman**”. Edición: LaCongregación [Anarquismo em PDF], Portada: Reybum, p. 8.

³⁰ Ao descrever sua experiência em espaços fabris, Goldman se mostrou uma pessoa dotada de grande sensibilidade, sendo, por isso, capaz de perceber a presença do poder e da opressão no cotidiano ao qual estava submetida enquanto funcionária, sobre essa questão ver GOLDMAN, 1996, Op. Cit., p.41.

³¹ “dedicar-me à memória de meus companheiros martirizados, fazer da causa deles a minha própria, tornar conhecido ao mundo suas vidas cheias de belezas e mortes heroicas”. Ibidem, p. 34.

³² LOBO, 1883, Op. Cit., p. 20.

Segundo Goldman, ainda em suas experiências iniciais enquanto oradora, ela percebeu que “*repetiendo los puntos de vista de Most estaba cometiendo un delito contra mí misma y contra los trabajadores*”³³ e, devido as discussões coletivas que se tinha após suas palestras, ela acabou conseguindo perder aquela “*fe infantil en la infalibilidad de mi maestro y me convenció de la necesidad de pensar de forma independiente*”³⁴. E, por conta disso tudo, Goldman se afastou do *Die Freiheit* e estreitou laços com o periódico *Autonomie*, pois “*el Autonomie hacía más hincapié sobre la libertad individual y la independencia de los grupos*”³⁵ e, por isso, “*el tono general de la publicación me atraía con fuerza*”³⁶.

Já por volta de 1890, Goldman participou da criação da Sociedade dos Amigos da Liberdade Russa e do periódico *Free Russia*. Ambos os empreendimentos foram criados após o jornalista americano George Kennan fazer declarações públicas sobre as precárias condições às quais estavam submetidos os presos políticos e exilados que se encontravam na Sibéria. Emma, provavelmente devido à sua origem, sempre teve um vínculo afetivo com a Rússia. Mesmo após sua chegada aos Estados Unidos, a Rússia, seus salões de dança, seus literatos, suas mulheres revolucionárias, tudo isso continuou sendo representado de maneira muito viva no imaginário e nos escritos de Goldman. Em sua autobiografia, ela relatou que, por volta da última década do século XIX, ainda nutria a vontade de retornar a seu país de origem; entretanto, sua condição financeira e, principalmente, os acontecimentos de 1892 não possibilitaram tal retorno.

Em 1892, metalúrgicos se colocaram contra as medidas da *Companhia Carnegie Steel*, e, evidentemente, contra a atuação do industrial Henry Clay Frick, “*un hombre conocido por su enemistad hacia los trabajadores*”³⁷ e como proprietário de “*grandes depósitos de coque, donde los sindicatos estaban prohibidos y los trabajadores dirigidos con mano de hierro*”³⁸. Diante da intensa repressão que Frick dirigiu contra os metalúrgicos e suas respectivas famílias, Berkman, com a ajuda de Goldman, planejou um atentado contra Frick. Logo após o atentado, o anarquista foi preso e, nesse momento, Goldman, em virtude de seu envolvimento na *Revolta de Homestead*, isto é, graças à sua contribuição na construção da revolta e, mais especificamente, no atentado, tornou-se uma figura pública. Nesse sentido, 1892 pode ser

³³ “repetindo o ponto de vista de Most estava cometendo um delito contra mim mesma e contra os trabalhadores”. GOLDMAN, 1996, Op. Cit., p. 80.

³⁴ “fé infantil na infabilidade de meu professor e me convenceu da necessidade de pensar de forma independente”. Idem.

³⁵ “o *Autonomie* colocava mais ênfase na liberdade individual e na independência dos grupos”. Ibidem, p. 102.

³⁶ “o tom geral da publicação me atraía fortemente”. Idem.

³⁷ “um homem conhecido por sua inimizade com os trabalhadores”. Ibidem; p. 111.

³⁸ “grandes depósitos de cocaína, onde os sindicatos estavam proibidos e os trabalhadores dirigidos com mão de ferro”. Idem.

considerado o ano no qual Goldman passou a ser retratada, muitas vezes, de maneira negativa e estereotipada pelos periódicos da época³⁹.

Mesmo após o encarceramento de Berkman e, mesmo sendo perseguida por periódicos tradicionais da época, Goldman continuou a atuar como oradora pública e seguiu participando de movimentos reivindicatórios. Mas, em 1893, a anarquista foi presa sob a acusação de incentivar a desordem durante as manifestações que ocorreram na *Union Square*. Encarcerada na *Blackwell's Island*, Goldman presenciou muitas situações e, posteriormente, escreveu sobre elas em sua autobiografia. Na referida obra, a feminista ressaltou aspectos como, por exemplo, a condição das mulheres negras naquela prisão, pois, afinal, Goldman percebeu que o nível de opressão, até mesmo na prisão, era díspar, visto que as detentas de pele branca tinham alguns privilégios ou, ao menos, estavam submetidas a níveis menores de opressão quando comparadas com as mulheres negras ali presentes. Evidentemente, Goldman não foi nem a primeira, muito menos a última mulher a reconhecer tal situação, dado que outras mulheres, principalmente, mulheres negras, já falavam sobre tais condições de opressão.

Fato é que, na *Blackwell's Island*, nossa personagem buscou ler autores como “Walt Whitman, Emerson, Thoreau, Hawthorne, Spencer, John Stuart Mill y otros muchos autores americanos e ingleses”⁴⁰. Devido ao declínio de sua saúde, Goldman passava algum tempo na enfermaria e, depois de dada melhora, o médico da prisão solicitou que ela atuasse de forma a ajudar naquela ala da prisão. Logo, na *Blackwell's Island*, Goldman tornou-se enfermeira.

Em virtude dessa aproximação com o universo da saúde, em 1895, quando foi posta em liberdade, Goldman viajou para Viena em busca de uma profissionalização. Com a ajuda financeira de companheiros de luta, Goldman foi estudar na *Allgemeines Krakenhause*, com o objetivo de adquirir o diploma de enfermeira e parteira. Em sua estadia, a anarquista se

³⁹ Só em nível de exemplificação, trouxemos uma pequena amostra que indica que Goldman, em diferentes momentos, a partir de 1892, apareceu nas páginas de conhecidos periódicos da época, seja apresentando sua perspectiva através de escritos e entrevistas, ou sendo representada de maneira estereotipada e negativa. De qualquer forma, Goldman foi assunto de periódicos da época, tornando-se, a partir de 1892, uma figura pública. Só para exemplificar, nas páginas do *New York Word*, em 1892, foi publicado artigos como o “*Anarchy's Den*”. Já em 1893, o mesmo periódico, exibiu “*The Law's Limit*” e “*Nelly Bly, Again*”. Em 1897, a revista *St. Louis Post-Dispatch Sunday Magazine*, contou com a entrevista “*What is there is Anarchy of Woman?*”, proferida por Goldman. Não sendo o objetivo principal de nosso artigo estudar essas representações, isto é, investigar a forma como Goldman era retratada por periódicos da época, bastando, por isso mesmo, dizer somente que é possível encontrar, nas páginas de diferentes periódicos, exemplos de representações que “demonizavam” ou apresentavam Goldman de uma maneira “dramática”, entre os quais está o *New York World*, o *Chicago Daily Tribune*, o *New York Times* e muitos outros. Nesse último, em 1917, momento que Goldman se colocou publicamente contra o alistamento militar obrigatório, é possível encontrar artigos como: “*Anarchists Demand Strike To End War*”; “*Anarchists Awed By Police Clubs*”; “*Meeting of Reds Traps Slackers*”; “*Anarchists Assail Mayer*” e “*Emma Goldman and A. Berkman Behind the Bars*”. Os interessados nessa questão podem buscar se familiarizar com os materiais disponíveis na coletânea “*Emma Goldman: A Documentary History of the American Years*”.

⁴⁰ “Walt Whitman, Emerson, Thoreau, Hawthorne, Spencer, John Stuart Mill e muitos outros autores americanos e ingleses”. *Ibidem*, p. 175.

aproximou da literatura moderna, apaixonando-se pelos escritos de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e pelas palestras ministradas por Sigmund Freud (1856-1939). Na Europa, a anarquista continuou atuando como oradora pública e aproveitou a oportunidade para conhecer pensadoras/es como Errico Malatesta (1853-1932) e Louise Michel (1830-1905). Segundo Goldman:

En Viena se podía asistir a conferencias muy interesantes sobre prosa y poesía alemanas modernas. Se podía leer las obras de los jóvenes iconoclastas de las artes y de las letras, el más atrevido de los cuales era Nietzsche. La magia de su lenguaje, la belleza de su visión, me transportaron a alturas insospechadas. Deseaba devorar cada línea de sus escritos, pero era demasiado pobre para comprarlos. Afortunadamente, Grossmann estaba surtido de Nietzsche y otros modernos [...] Mi amigo me sugirió que me apuntara al curso del profesor Bmhl, que trataba también problemas sexuales. Como una de sus alumnas, tendría más posibilidades de ser admitida a las conferencias de Freud [...] Comprendí mucho mejor todos estos temas cuando oí a Sigmund Freud. Su sencillez y seriedad y su mente brillante se combinaban para darle a uno la sensación de ser guiado desde un sótano oscuro a la luz del día. Por primera vez, capté la gran importancia de la represión sexual y sus efectos sobre el pensamiento y las acciones humanas. Me ayudó a comprenderme a mí misma, mis necesidades; y me di cuenta también de que sólo las mentes depravadas podían poner en duda los motivos de Freud o encontrar «impura» una personalidad tan magnífica.⁴¹

Em 1896, Goldman retornou a solo norte-americano e, em grande medida, continuou sua militância feminista⁴² e anarquista. Em relação à sua atuação profissional, Goldman trabalhou com o universo da saúde e em outras áreas para, assim, garantir seu sustento nesse momento. Em 1900, foi novamente até a Europa para participar do Congresso Anarquista de Paris. Em 1901, já nos Estados Unidos, foi acusada de assassinar o presidente William Mckinley. Chegou a ser detida pela polícia e veementemente perseguida pela esfera pública. Entretanto, soube-se, logo depois, que o verdadeiro personagem por trás da retirada da vida do presidente era o jovem Leon Gzolgoy. Tal situação, isto é, a intensa representação que os periódicos faziam de Goldman⁴³, em muitos momentos, gerou conflitos internos na pensadora,

⁴¹ “em Viena podia-se ouvir palestras interessantes sobre prosa e sobre poesia alemãs modernas. Podia-se ler os trabalhos dos jovens iconoclastas na arte e na literatura, o maior ousado deles sem dúvida era Nietzsche. A mágica de sua linguagem e a beleza de sua visão levava-me a alturas sonhadas. Eu ansiava em devorar cada linha de seus escritos, mas era pobre demais para compra-los. Felizmente Grossmann tinha um suprimento de Nietzsche e outros modernos [...] Meu amigo me sugeriu que eu fosse às aulas do professor Bruhl, que também discutia problemas sexuais [...] A clareza quanto a esses assuntos foi muito maior quando ouvi Sigmund Freud. Sua simplicidade e sua franqueza, além do brilhantismo de sua mente combinavam-se para dar a sensação de ser levado de um porão escuro até a luz do dia. Pela primeira vez percebi o significado pleno da repressão sexual e de seus efeitos no pensamento e na ação humana. Ajudou-me a compreender, a compreender minhas necessidades; também percebi que apenas as pessoas mentes depravadas poderiam impugnar os motivos os crê-los “impuros” numa personalidade tão grande quanto Freud”. Ibidem; p. 202-203.

⁴² Nas considerações finais daremos conta de refletir sobre a militância feminista de Emma Goldman.

⁴³ Em 1901, como já mencionado, Goldman foi acusada de assassinar William Mckinley, entretanto, soube-se que o atentado havia sido realizado por Leon Gzolgoy. Mas, ainda sim, parte da esfera pública da época buscou incriminar Goldman, considerando-a como um dado tipo de “mentora intelectual” do atentado, isso em virtude da sua atuação enquanto oradora pública. A edição de 8 de setembro de 1901, do *Chicago Daily Tribune*, por exemplo, representou Goldman de maneira extremamente “demonizada” isso, em certo sentido, ilustra a forma pela qual a imprensa dos Estados Unidos da América alimentou a caracterização negativa das/os anarquistas.

que, com certa razão, sentia-se, algumas vezes, violada e sem privacidade. O conflito entre público e privado é retrato nas páginas de *Vivendo Minha Vida*.

Enquanto atuava como oradora pública e, simultaneamente, tinha experiências profissionais, ainda assim, Goldman escrevia para alguns periódicos. Mas foi em 1906 que a anarquista fundou a revista *Mother Earth*, que, por sua vez, recebeu esse nome em homenagem a Walt Whitman, autor lido por Goldman na *Blackwell's Island*, como já mencionado. A criação do periódico contribuiu para o desenvolvimento de redes intelectuais e, além disso, a revista se apresentava ao público como muito versátil, isso no que se refere às temáticas abordadas em suas páginas. A *Mother Earth* foi fundamental para tornar o pensamento de Goldman mais público. Escritos sobre a condição social da mulher, o controle de natalidade (sendo válido frisar que Goldman, desde 1907, participou da campanha pelo *Birth Control*), sobre sexualidade, sindicalismo, patriotismo e literatura fazem parte do material escrito por Goldman e publicado inicialmente no referido periódico.

Sobre a produção intelectual de Goldman, além do fato de ter publicado artigos isolados na *Mother Earth*, como também em diferentes periódicos da época, entre os quais estão: o *The Alarm*, *The World*, *Free Society Forum*, *The American Mercury*, *Jornal Vanguard*, *The Oriole Press* e a revista *Mujeres Libres*, Goldman também publicou alguns livros. Em 1910, Goldman lançou o livro *Anarchism and Other Essays*⁴⁴ e, em 1914, a obra *The Social Significance of the Modern Drama*⁴⁵. Em 1919, Goldman chegou à Rússia, visto que foi deportada pelo Estado norte-americano por conta de seus textos e militância pública contra o alistamento militar obrigatório.

A anarquista permaneceu na Rússia até 1921 e, depois disso, viajou para diferentes países europeus. Após seu contato com a Revolução Russa, Goldman escreveu diversos artigos sobre a temática, como também o livro *My Disillusionment in Russia*⁴⁶, lançado em 1923, no qual podemos identificar uma severa crítica ao Estado Bolchevique. Já em 1931, foi a vez da autobiografia “*Vivendo a Minha Vida*”⁴⁷ ser disponibilizada para o público. Em 1936, Goldman estreitou laços com o agrupamento espanhol *Mujeres Libres* e, em grande medida, continuou escrevendo e atuando na luta contra o fascismo. Goldman morreu em 1940, em Toronto, Canadá.

⁴⁴ GOLDMAN, Emma. “**O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios**”. São Paulo: Editora Hedra, 2007. 144 p.

⁴⁵ GOLDMAN, Emma. “**The Social Significance of the Modern Drama**”. The Anarchist Library, 2009.

⁴⁶ GOLDMAN, Emma. “**Minha desilusão na Rússia (Vol. 1)**”. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017. GOLDMAN, Emma. “**Minha desilusão na Rússia (Vol. 2)**”. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2018.

⁴⁷ GOLDMAN, Emma. “**Vivendo minha Vida**”. Curitiba: L-Dopa Publicações, 2015. 712 p.

Por fim, é importante frisar que, por mais que seja possível identificar a existência de uma significativa produção intelectual goldminiana, ainda assim, pouco se sabe seu pensamento. Goldman, como já mencionado, apareceu de maneira muito discreta tanto na historiografia das “mulheres” e do “gênero”, como no que diz respeito à história intelectual. Nesse sentido, acreditamos que a contribuição do presente trabalho está exatamente em mostrar, após análise crítica da fonte selecionada, a complexidade do pensamento da feminista e anarquista Emma Goldman.

O sufrágio feminino por Emma Goldman

Nada é tão perigoso como dissecar um fetiche [...]. Sendo assim, provavelmente serei considerada uma oponente da mulher [...]. Sim, eu posso ser considerada uma inimiga da mulher; mas se puder ajudá-la a ver a luz, não vou lamentar. (Emma Goldman, 1911).

O artigo “Sufrágio Feminino” data de 1911, visto que ele foi um entre os escritos que compõe o livro *Anarchism and Other Essays*⁴⁸. No referido artigo⁴⁹, Goldman inicia sua discussão levantando o aparente paradoxo existente na modernidade⁵⁰. Segundo a anarquista, mesmo diante dos avanços da ciência, ainda assim, permanecia um “culto aos ídolos”. Leitora incessante de Nietzsche, Goldman compartilhava da ideia de que existiam “ídolos” e que eles variavam “em forma e essência, ainda que seu poder sobre a mente humana seja tão desastroso quanto era antigamente”⁵¹.

Nas palavras de Goldman, “nos dias atuais o símbolo idolatrado é o sufrágio universal”⁵², o sufrágio seria então uma “onipotente divindade”⁵³ e, nesse sentido, “ai do herege que se atreve a questionar essa divindade!”⁵⁴. Na perspectiva goldminiana, o sufrágio se tornou a divindade do século XX, um símbolo idolatrado de maneira não crítica por muitos e, por isso mesmo, o sufrágio seria, por fim, o “novo ídolo”⁵⁵ da modernidade. E, visto que as mulheres, por muito tempo, foram “ensinadas” a permanecer sempre de joelhos, elas, não raro, “têm sido

⁴⁸ GOLDMAN, Emma. “**Anarchism and Other Essays**”. Second Revised Edition. New York & London: Mother Earth Publishing Association, 1911.

⁴⁹ Na presente pesquisa utilizamos a versão em português dos artigos “*Sufrágio Feminino*” (1911) e “*O Camaleão do Sufrágio Feminino*” (1917) e, ambos, podem ser encontrados na obra GOLDMAN, Emma. “**Questão Feminina/ Emma Goldman**”. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Projeto Emma Goldman, 2019.

⁵⁰ Esse paradoxo foi explorado por outras pensadoras, como, por exemplo, as feministas francesas do século XVIII. De qualquer forma, no presente artigo, nos delimitaremos a compreender como Goldman explorada e desenvolve sua argumentação em torno do referido paradoxo.

⁵¹ GOLDMAN, Emma. “Sufrágio Feminino”. In: GOLDMAN, Emma. “**Questão Feminina/ Emma Goldman**”. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Projeto Emma Goldman, 2019, p. 55.

⁵² Idem.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

desde tempos imemoriais a maior defensora de todas as divindades”⁵⁶ e, diante da sua devoção, as mulheres pagavam um preço alto, perdendo “sua liberdade, o sangue de seu coração, a própria vida”⁵⁷. E, a partir de então, Goldman disserta sobre a relação entre as mulheres e os diferentes ídolos que se fizeram existentes na História e, só posteriormente, pensou sobre a dinâmica entre mulheres e o sufrágio, como veremos. Dito isso, fica evidente que Goldman aproveitou aquelas páginas não só para compreender a relação entre mulheres e voto, seus problemas e possíveis potencialidades, mas também para pensar o efeito que o poder (seja o da Igreja, do Lar, do Estado e até mesmo do “ídolo” moderno chamado sufrágio feminino) adquiriu nas “subjetividades” femininas, isso em diferentes contextos⁵⁸.

Um dos primeiros pontos analisados por nossa pensadora foi a relação entre religião e mulher⁵⁹, pois “a religião, especialmente a cristã, condenou a mulher a uma vida subalterna, uma escrava”⁶⁰, e isso “contrariou sua natureza e acorrentou sua alma, ainda sim o cristianismo não tem maior apoio, ninguém mais devoto que a mulher”⁶¹. A religião seria o ídolo que “acorrenta o espírito e escraviza o corpo”⁶² das mulheres e, nesse sentido, quando Emma ressaltou o desdobramento do poder religioso na mente das mulheres, percebemos que, em sua concepção, o poder tem consequências não só materiais, mas também nas “subjetividades” dos que estão submetidos a suas forças⁶³.

Segundo Goldman, “podemos afirmar que a religião teria deixado de ser um agente na vida das pessoas se não fosse o apoio que recebe da mulher”⁶⁴, isso porque “os trabalhadores mais ardentes da igreja, os missionários mais incansáveis de todo mundo são as mulheres”. A

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ É certo que o “poder”, e esses “ídolos” que são descritos por Goldman também afetava os homens. Entretanto, percebemos um esforço por parte da pensadora em investigar os desdobramentos deles na vida e mente das mulheres. Tal fato, não significa que Goldman negue que essas questões influenciavam também os homens, sinalizam somente que ela realizou um “recorte teórico”, isto é, buscou, no referido artigo, entender a força desses fatores na existência das mulheres, especificamente.

⁵⁹ Para saber mais da relação entre “mulher” e “religião” dentro da perspectiva goldminiana ver: Cf. MARTINS, Nilciana Alves. “Mulher, política e religião: o puritanismo por Emma Goldman”. **Revista Faces de Clio**, 2019, v.5, n.9, p. 69- 82.

⁶⁰ GOLDMAN, 2019, Op. Cit., p. 55.

⁶¹ Idem.

⁶² GOLDMAN, 2019, Op. Cit., p. 56.

⁶³ Como já mencionado, primeiramente, Goldman escreveu sobre a relação entre as mulheres e os diferentes ídolos que se fizeram existentes na História e, só posteriormente, pensou sobre a dinâmica entre mulheres e o sufrágio. Nesse sentido, aqui Goldman não está afirmando que por serem religiosas as mulheres não deveriam ter acesso ao sufrágio, mas somente desenvolvendo sua crítica à instituição religiosa e seus possíveis desdobramentos na vida e mente das mulheres. E, vale ressaltar, Goldman no decorrer de seu artigo declarou que “não me oponho ao sufrágio feminino pelo *sensu comum* [grifo nosso] de que ela não é igual aos homens. *Não vejo razões físicas, psicológicas ou mentais do porquê as mulheres não devam ter direitos de votar assim como os homens* [grifo nosso]. Mas, isso não pode me cegar da ideia absurda de que elas irão conquistar algo que os homens não foram capazes”. Ibidem; p. 57-58.

⁶⁴ Ibidem, p. 56.

essa altura é importante frisar que, alguns estudos, mostraram exatamente o papel crucial que as mulheres exerceram enquanto missionárias, em diferentes países e contextos⁶⁵. Nesse sentido, apesar de ser muito complicado compactuar integralmente com a ideia de que a religião teria deixado de ser um agente na vida das pessoas se não fosse à atuação das mulheres, é prudente falar que elas tiveram um papel importantíssimo como missionárias e, de fato, foram fundamentais na pregação da moral das religiões⁶⁶.

A guerra apareceu, no referido artigo, como outro “ídolo” capaz de prejudicar as mulheres. Na perspectiva de Goldman, a guerra “rouba da mulher tudo o que lhe é caro e precioso. Extorque seus irmãos, amantes, filhos e, em troca, lhe fornece uma vida de *solidão* [grifo nosso] e desespero”⁶⁷ e, não raro, é a mulher “que paga o preço mais alto por esse monstro insaciável, a guerra”⁶⁸. Apesar disso tudo,

[...] é ela a maior apoiadora e idólatra da guerra. Ela que infunde em seus filhos o amor à conquista e ao poder; que sussurra as glórias da guerra nos ouvidos de seus pequeninos e que nina seu bebê com as melodias das trombetas e o ruído da arma.⁶⁹

A essa altura, é prudente frisar que, ao salientar que as mulheres, em inúmeros momentos e contextos, mostraram-se como uma variável que, majoritariamente, contribuiu para a consolidação da Igreja e da prática da guerra, Goldman não estava pura e simplesmente “culpando” a mulher pela existência da religião e da guerra. Pelo contrário, a anarquista, na verdade, acabou por demonstrar o efeito paradoxal, a força que o poder tem na mente, no corpo e na atuação das mulheres. O intuito de Goldman, podemos crer, foi, ao apontar a contribuição feminina na consolidação da religião e na prática da guerra, salientar o fato de que as mulheres são, assim como os homens, seres construídos socialmente e que as contribuições femininas a essas instituições que as oprimem deveriam ser vistas como uma consequência, isto é, como

⁶⁵ Cf. SILVA, Luciana Nogueira da. “‘Século Cristão no Japão’ ou ‘Século das mulheres cristãs no Japão’? O jardim nipônico de Agostinho de Santa Maria”. In: XXXII Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora. “O papel social do historiador: desafios contemporâneos para a escrita da História”, 2016, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: XXXII Semana de História, 2016.

⁶⁶ Novamente, não acreditamos que Goldman esteja propondo que os homens não eram passíveis de serem manipulados por instituições religiosas ou adeptos de alguma fé. Mas, visto que o objetivo dela era apresentar a relação de alguns “ídeos” e a vida e mente das mulheres, a pensadora decidiu por trazer exemplos que envolvesse as mulheres, e não os homens. Sim, ela poderia ter feito uma análise comparada, evidenciando os desdobramentos da religião tanto nas mulheres como nos homens, mas não o fez, traçando outro caminho, que descrevemos acima. Goldman, em diferentes momentos de sua trajetória intelectual desenvolveu severas críticas às instituições religiosas, o que é esperado, em virtude da sua opção ideológica. Entretanto, ao desenvolver essas críticas, ela recorre a diferentes argumentos. Em alguns escritos, Goldman identificou e criticou a forma como, por exemplo, o “ethos puritano” da sociedade estadunidense influenciava a mente e corpos femininos. Sobre essa questão ver o artigo: GOLDMAN, Emma. “**La hipocresía del puritanismo**”. Cf. o artigo pode ser encontrado no livro GOLDMAN, Emma. “**La palabra como arma**”. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010.

⁶⁷ GOLDMAN, 2019, Op. Cit., p. 56.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

parte do poder da opressão. Uma mente e um corpo feminino que “está sempre de joelhos, sempre com as mãos elevadas, sempre cega”⁷⁰ é uma “caricatura”, um exemplo da força da opressão; é, por fim, o desdobramento prático de um sistema de opressão. Para Goldman, como é possível verificar no fragmento abaixo, somos capazes de sair desse sistema de opressão, criando outra “subjetividade” e moral e, por isso mesmo, o caminho de emancipação sugerido pela anarquista, não passava somente pelo voto.

Necessitamos crescer sem os obstáculos das antigas tradições e hábitos. O movimento da emancipação feminina deu seu primeiro passo nessa direção. Esperamos que tenha força para dar o próximo. O direito ao voto, ou igualdade dos direitos civis, podem ser boas demandas, mas a verdadeira emancipação não começa nas eleições e tribunais. Começa na alma da mulher. A história nos mostra que toda classe oprimida conquistou a verdadeira libertação de seus senhores pelos seus próprios esforços. É necessário que a mulher aprenda a lição, que perceba que sua liberdade alcançará tão alto quanto for seu vigor para conquistar sua liberdade. É, portanto, muito mais importante que ela comece por sua regeneração interna, que se liberte do peso dos preconceitos, tradições e costumes.⁷¹

O “Lar”, por sua vez, também é visto como um “ídolo terrível”⁷², pois, afinal, “como esgota a energia vital da mulher, esta *prisão moderna* [grifo nosso] com barras de ouro. Seu aspecto brilhante cega a mulher do preço que tem de pagar como esposa, mãe e dona-de-casa”⁷³, no entanto a mulher “adere com vigor ao lar, à força que mantém no cativeiro”⁷⁴. E segundo Goldman:

Pode-se dizer que por reconhecer o terrível preço que deve pagar à Igreja, ao Estado e ao lar, a mulher anseie que o sufrágio a liberte. Isso pode ser verdade para algumas poucas; a maioria das sufragistas repudia totalmente tal blasfêmia. Pelo contrário, elas insistem que é o sufrágio feminino que a tornará uma melhor cristã e dona-de-casa, uma cidadã leal do Estado. Dessa forma, o sufrágio é apenas um meio para fortalecer a onipotência dos deuses que a mulher tem servido desde tempos imemoriais.⁷⁵

O próximo ídolo que, segundo Goldman, estava oprimindo a mulher era o novo ídolo presente na modernidade, a divindade do século XX, isto é, o sufrágio feminino. Para nossa personagem, era um erro a crença de que a conquista do voto seria o suficiente para garantir coisas como “vida, felicidade, alegria, liberdade e independência”⁷⁶. A essa altura, é válido lembrar que a perspectiva feminista⁷⁷ de Goldman sempre esteve em diálogo com sua ideologia anarquista. Um exemplo disso é o fato de afirmar que a demanda feminina “pelo

⁷⁰ GOLDMAN, 2019, Op. Cit., p. 55.

⁷¹ GOLDMAN, Emma. “A Tragédia da Emancipação Feminina”. In: GOLDMAN, Emma. “**Questão Feminina/ Emma Goldman**”. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Projeto Emma Goldman, 2019, p.34-35.

⁷² GOLDMAN, Emma. “Sufrágio Feminino”. In: GOLDMAN, Emma. “**Questão Feminina/ Emma Goldman**”. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Projeto Emma Goldman, 2019, p. 56.

⁷³ Idem.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Ibidem, p. 57.

⁷⁷ Nas considerações finais daremos conta de refletir sobre a militância feminista de Emma Goldman.

sufrágio universal baseia-se em grande parte na ideia de que as mulheres devem ter direitos iguais em todas as questões sociais”⁷⁸. E continua: “ninguém poderia refutar isso se o sufrágio fosse um direito”⁷⁹. Nesse sentido, para Goldman, a reivindicação de direitos iguais é virtuosa e necessária, mas ela, na sequência, faz questão de frisar que o sufrágio é uma imposição (que tira das pessoas sua integridade e autossuficiência) e não um direito; portanto, “infelizmente por ignorância a mente humana consegue ver uma imposição como um direito”⁸⁰, e completa:

Ou não seria uma brutalidade impor que um grupo de pessoas façam as leis enquanto outro grupo é coagido pela força a obedecer? Ainda sim, as mulheres clamam por essa ‘possibilidade de ouro’ que causou tanta miséria ao mundo e roubou os homens de sua integridade e autossuficiência; uma imposição que corrompeu completamente as pessoas e as transformou em presas nas mãos de políticos inescrupulosos.⁸¹

Mais uma vez, fica clara a síntese entre o feminismo e o anarquismo de Goldman⁸² quando ela faz uma crítica à ideia de que a presença das mulheres no legislativo seria o suficiente para gerar a emancipação feminina. Ao valorizar a autogestão e, conseqüentemente, não compactuar a democracia liberal, Goldman se colocou contra a ideia de que as mulheres seriam capazes de “purificar a política”⁸³. E, no fragmento abaixo, podemos compreender o ponto central da perspectiva goldminiana no que diz respeito ao sufrágio feminino e sua relação com a emancipação, pois, afinal, Goldman vai identificar como um grande equívoco a crença de que a mulher, pelo simples fato de ser mulher, ao entrar nas esferas políticas do Estado, seria capaz de purificar um ambiente que, para a anarquista, era estruturalmente autoritário e corrupto. Podemos perceber que Goldman, a todo o momento, tenta desmistificar os discursos essencialistas em relação às mulheres que, até mesmo o movimento feminista, acabavam por endossar, nas palavras de nossa anarquista:

Não preciso dizer que não me oponho ao sufrágio feminino pelo *sensu comum* [grifo nosso] de que ela não é igual aos homens. *Não vejo razões físicas, psicológicas ou mentais do porquê as mulheres não devam ter direitos de votar assim como os homens* [grifo nosso]. Mas, isso não pode me cegar da ideia absurda de que elas irão conquistar algo que os homens não foram capazes. *Assumir, portanto, que ela conseguirá purificar algo que não é suscetível de limpeza é acreditar que tem poderes sobrenaturais* [grifo nosso]. Já que o maior infortúnio das mulheres é serem vistas ou como anjas ou demônias, sua verdadeira redenção está em *serem postas na Terra; isto é, serem consideradas humanas e, portanto, sujeitas a todas as tolices e erros humanos*. [grifos nossos]⁸⁴

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Idem.

⁸² Ver nota 76.

⁸³ Ibidem, p. 57.

⁸⁴ Ibidem, p. 57-58.

Ainda desenvolvendo sua crítica aos sistemas políticos existentes que, na sua perspectiva, eram autoritários e incapazes de resolver as urgências da vida, Goldman se apresenta como leitora da obra *Equal Suffrage*, da Dra. Helen L. Summer. Nossa personagem recorre a um fragmento do livro de Summer para mostrar que até mesmo as maiores defensoras do sufrágio tinham dificuldade em conseguir provar que o sufrágio universal se traduziria, necessariamente, em uma emancipação das mulheres. Emma identifica a pluralidade existente dentro do movimento sufragista e, sobre as “sufragistas devotas”⁸⁵, que em seus discursos valorizavam países como a Austrália e Nova Zelândia, visto que, para elas, muitas das conquistas ali adquiridas se relacionavam com a aceitação do voto feminino, Emma declara que, pelo contrário, esses direitos teriam sido conquistados através da “grande luta social”⁸⁶.

Além disso, Goldman ainda acrescenta que esses países tinham graves problemas sociais e que suas mulheres ainda estão reféns da opressão. Claro, o sufrágio não era o culpado por essas opressões ainda existirem, mas, ainda assim, para Goldman “não há razão para olharmos para a Austrália como o país das maravilhas das conquistas femininas, já que sua influência não foi capaz de libertar o trabalho da servidão política dos patrões”⁸⁷. Nas palavras da anarquista:

A mulher na Austrália e Nova Zelândia pode votar e contribuir na confecção das leis. As condições trabalhistas lá são melhores do que na Inglaterra, onde as *suffragettes* travam uma batalha heroica? *Há uma maternidade melhor, mais feliz, são crianças mais livres na Inglaterra? A mulher lá não é mais considerada mercadoria sexual? Ela se libertou do moralismo puritano com valores diferentes para homens e mulheres? Certamente apenas uma politicagem feminina ousará responder tais perguntas afirmativamente* [grifo nosso]. Nesse sentido, parece ridículo apontar para a Austrália e Nova Zelândia como a meca das conquistas do sufrágio igualitário.⁸⁸

No fragmento acima, percebemos que emancipação feminina para Goldman tinha a ver com uma mudança fundamental de valores, uma nova forma de pensar a maternidade e a aquisição de direitos sociais, por exemplo. Por conta disso, nossa personagem acreditava que a conquista do voto, mesmo sendo essa uma reivindicação plausível e que poderia ter alguns desdobramentos positivos para um número estrito de mulheres, mas no que se refere a uma mudança estrutural na condição social das mulheres e em sua “subjetividade” ele tinha pouco efeito. Por isso, ele não seria o meio mais adequado para conquistar a verdadeira emancipação,

⁸⁵ Ibidem; p. 58.

⁸⁶ Ibidem; p. 59.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Idem.

pois, afinal, ao fazer um recorte de classe⁸⁹, no que diz respeito às conquistas adquiridas pelo voto feminino, Goldman afirma que:

Claro, nos estados sufragistas a mulher tem garantido o direito à propriedade; mas qual proveito disso para grande massa de mulheres sem propriedades, para as milhares de trabalhadoras assalariadas que vivem com salário contato. Até mesmo a Dra. Summer, que certamente está na posição de sabê-lo, admitiu que o sufrágio não afetou e nem pode afetar as condições dessas mulheres. Sendo uma sufragista fervorosa e tendi sido enviada ao Colorado pela *Liga do Sufrágio Universal de Nova York*, a fim de coletar material favorável ao sufrágio, ela seria a última a dizer qualquer coisa depreciativa; ainda sim somos informados que o “sufrágio igualitário afetou apenas superficialmente as condições econômicas femininas”.⁹⁰

Nesse sentido, para Goldman, os desdobramentos do voto feminino não significavam a conquista de direitos sociais, nem mesmo melhoravam substancialmente a vida das mulheres pobres. Tal fato não podia ser negado nem mesmo pelas sufragistas, e é por isso mesmo que Goldman utiliza o próprio livro da Summer para legitimar sua afirmação de que uma mudança estrutural, uma verdadeira revolução na vida das mulheres, não seria possível através somente do sufrágio. E, dito isso, para a anarquista “a tão proclamada afirmação de que as mulheres irão purificar a política é também um mito”⁹¹. Além disso, acrescenta que:

As mulheres familiarizadas com o processo político conhecem a natureza da besta, mas em sua arrogância e egoísmo se fazem crer que possuem o necessário para domesticá-la e que ela se tornará gentil como um cordeiro, doce e meigo. Como se as mulheres não tivessem vendido seus votos, como se as mulheres políticas não pudessem ser compradas! *Se seus corpos podem ser vendidos em troca de bens materiais, por que não seu voto?* [grifo nosso] Isto ocorre no Colorado e em outros estados, e não é negado sequer pelos defensores do sufrágio feminino.⁹²

Goldman, mais uma vez recorrendo à noção de classe, isto é, recorrendo à ideia de que existem algumas mulheres que possuem privilégios quando comparadas a outras, desenvolveu uma crítica ao caráter “purista” de algumas sufragistas. Para mostrar o *ethos* “purista” de algumas feministas, Goldman recorre ao exemplo oriundo da região de Idaho, onde mulheres ligadas às reivindicações femininas privaram “suas irmãs de rua de seus direitos e declarou que

⁸⁹ Ainda sobre os antagonismos de classes presente dentro dos movimentos de reivindicação de direitos femininos, Goldman apontou que, por exemplo, “o movimento sufragista americano foi, até muito recentemente um assunto menor, absolutamente apartado das necessidades econômicas das pessoas. Assim, Susan B. Anthony, uma mulher sem dúvidas excepcional, não fora apenas indiferente, mas antagonista ao trabalhador; ela se quer hesitou em manifestar seu antagonismo quando, em 1869, aconselhou as mulheres tomarem o lugar dos gráficos grevistas de Nova York. Não sei dizer se sua atitude mudou antes de sua morte. É evidente que existem algumas sufragistas afiliadas às trabalhadoras – a Liga Sindical das Mulheres, por exemplo; mas são minoria e suas atividades são essencialmente econômicas. O restante delas vê o trabalho como uma provisão justa da Providência. O que seria dos ricos, se não houvesse pobres? E dessas mulheres ociosas e parasitas, que gastam em uma semana o que suas vítimas ganham em um ano, quando não os 80 milhões de trabalhadores assalariados?” (Ibidem, p. 66). Goldman também identifica esses exemplos de antagonismo de classe quando analisa o movimento sufragista inglês, ela relaciona tal situação com o fato das sufragistas não “um real compreensão de igualdade” (Ibidem, p. 66).

⁹⁰ Ibidem, p. 61.

⁹¹ Ibidem, p. 62.

⁹² Ibidem, p. 64.

todas as mulheres de ‘caráter libidinoso’ são incapazes de votar”. E, na sequência, nossa personagem aponta a ironia presente na definição do que era visto como libidinoso, pois, para essas mulheres, a prática da “prostituição do casamento”⁹³, por exemplo, não era vista como libidinoso. Prostituição, jogos de azar, tudo foi dito como imoral por algumas sufragistas de Idaho e, por isso mesmo, Goldman conclui que “a atitude restritiva e purista das mulheres em relação à vida a tornam um grande perigo para a liberdade onde quer que atue politicamente”⁹⁴.

A essa altura, fica evidente o fato de que, para Goldman, a emancipação feminina não se resumia à aquisição de direitos políticos como o voto. Sendo anarquista, nossa personagem não compactuava com os sistemas políticos da época, entre os quais estava, obviamente, a democracia liberal. E sua concepção de emancipação envolvia a criação de novos valores. Um exemplo disso é o fato de Goldman criticar a postura de feministas que, ainda presas a valores tradicionais, indignam-se caso os homens fumassem em sua companhia, ou se eles mantivessem “seu chapéu e se não salta de seu assento como um laçao. Podem parecer coisas triviais, mas não é nada menos que a essência da natureza das sufragistas americanas”⁹⁵. Por fim, para alcançar a verdadeira emancipação, as mulheres deveriam se libertar do peso das tradições; ao comentar sobre os fatores que realmente contribuem para a emancipação feminina, Goldman conclui que:

Seu desenvolvimento, sua liberdade, sua independência deve vir de si mesma. Primeiro, afirmando-se como um *indivíduo*, e não como *mercadoria sexual* [grifo nosso]. Depois, recusando o direito de qualquer pessoa sob seu corpo; recusando-se a ter filhos, a não ser que os queira; recusando a ser uma serva de deus, do Estado, da sociedade, de seu marido, da família etc., com isso tornando sua vida simples, porém mais profunda e rica [grifo nosso]. Ou seja, tentando aprender o significado e a substância da vida em sua complexidade, libertando-se da opinião e condenação pública. Só isso, e não o voto, libertará a mulher, a tornará uma força até então desconhecida no mundo, uma força de amor verdadeiro, de paz, harmonia; uma força do sublime ardor capaz de gerar uma vida; criadora de homens e mulheres livres.⁹⁶

Recorrendo ao conceito de “ídolos”, Goldman desenvolveu sua argumentação relacionando o peso que alguns “ídolos” teriam a vida e mente das mulheres. O Estado, o Lar, a Guerra, a Igreja, a família seriam algumas instituições que, não raro, tinham a capacidade de oprimir as mulheres, cerceando sua vida sexual e sua “subjetividade”, por exemplo. Segundo Goldman, acreditar que o sufrágio feminino seria capaz de dar conta de proporcionar a emancipação feminina era crer em uma mentira. Por fim, conseguimos identificar a perspectiva

⁹³ Ibidem, p. 62.

⁹⁴ Ibidem, p. 63.

⁹⁵ Ibidem, p. 64.

⁹⁶ Ibidem, p. 68-69.

goldminiana em relação ao voto feminino, como também compreender sua crítica a seus possíveis desdobramentos.

Considerações Finais

Sem dúvidas, há muitas formas de ser feminista. O feminismo não deve ser pensado como algo uniforme, pois, afinal, percebemos que há diferentes “performances” feministas; diversas formas de resistir e existir foram adotadas por mulheres no decorrer da história. Emma Goldman adotou um significado para a ideia de “emancipação feminina”; segundo ela, “a emancipação deve permitir que a mulher seja humana no seu sentido mais verdadeiro. Todo seu íntimo que clama por ser expressar e agir deve manifestar-se ao máximo; todas as barreiras artificiais devem ser quebradas e o caminho para expandir sua liberdade”⁹⁷ e, esse caminho, deveria, por sua vez, “ser limpo de todo vestígio dos séculos de submissão e escravidão”⁹⁸. Opondo-se à ideia que identificava que o sufrágio seria o suficiente para emancipar as mulheres, Goldman afirmou que “agora, a mulher enfrenta a necessidade de emancipar-se da emancipação, se ela realmente deseja ser livre. Isso pode parecer paradoxal, mas é, no entanto, verdadeiro”⁹⁹. Dentro do “contexto linguístico feminista” dessa época, percebemos que Goldman adota um significado, uma ideia específica em torno do que seria a “verdadeira emancipação feminina”¹⁰⁰.

Por ser anarquista, Goldman não considerava que a entrada nas mulheres na esfera legislativa ou a adoção do sufrágio feminino seriam capazes de purificar esse Estado que, para ela, padecia de problemas estruturais os quais só seriam resolvidos com a destruição do capitalismo e do Estado. Segundo Goldman, “o direito ao voto, ou igualdade dos direitos civis, podem ser boas demandas, mas a verdadeira emancipação não começa as eleições ou nos tribunais. Começa na alma da mulher”¹⁰¹. Veja bem, não é que Goldman se oponha a essas reivindicações, mas, sim, que para ela essas conquistas políticas não seriam capazes, por si só, de proporcionar a verdadeira emancipação feminina, aquela que a autora em questão acreditava.

Por fim, Goldman considera que a conquista do direito de votar, por exemplo, é uma “emancipação parcial”¹⁰² e que carrega muitas limitações, que, por sua vez, já foram discutidas

⁹⁷ GOLDMAN, Emma. “A Tragédia da Emancipação Feminina”. In: GOLDMAN, Emma. **“Questão Feminina/ Emma Goldman”**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Projeto Emma Goldman, 2019, p. 26.

⁹⁸ Idem.

⁹⁹ Ibidem, p. 27.

¹⁰⁰ Cf. GOLDMAN, Emma. “A Tragédia da Emancipação Feminina”. In: GOLDMAN, Emma. **“Questão Feminina/ Emma Goldman”**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Projeto Emma Goldman, 2019.

¹⁰¹ Ibidem, p. 34.

¹⁰² Idem.

seção “O sufrágio feminino por Emma Goldman” do presente artigo. A verdadeira emancipação, a que Goldman propunha, diz respeito, entre outras coisas, a uma mudança na “subjetividade” feminina, em um “autoconhecimento” que permitisse se livrar do peso dos costumes, dos preconceitos e das tradições, que, não raro, oprimem as mulheres. Segundo Elisabeth Lobo, o feminismo de Emma parece muito atual, pois, afinal, ele “rejeita a armadilha de restringir a opressão das mulheres a uma questão de Estado, e ataca seus fundamentos nas práticas da sociedade, na sexualidade como na divisão do trabalho e na divisão do trabalho e na reprodução familiar”¹⁰³. Por fim, sim, Goldman pode ser considerada uma feminista que, não raro, evidenciou as limitações do sufrágio feminino e que desenvolveu uma proposta em torno do que seria a emancipação feminina. Segundo Blanchette:

A continuada importância do pensamento de Goldman é fruto de sua visão pouco ortodoxa das lutas políticas e culturais de seu tempo [...] Goldman nunca endossou qualquer ideologia a ponto de perder de vista as políticas que Foucault, mais tarde, rotularia de *controle* e *disciplina* [grifo nosso]. Não só se preocupava com a luta de classes e as políticas de massa, como também enxergava as inúmeras maneiras com que o poder invade a vida cotidiana, condicionando mentes, corpos e almas.¹⁰⁴

Contudo, Goldman era uma militante feminista? Ainda sobre o feminismo de Goldman, podemos destacar alguns eventos que exemplificam a sua militância. Por exemplo, a campanha pelo controle de natalidade contou com uma forte contribuição dela. Para a pensadora em questão, o controle de natalidade estava diretamente ligado à liberdade sexual e econômica das mulheres. Em sua concepção, ter acesso a métodos contraceptivos permitiria que as mulheres tivessem direito sobre seus próprios corpos, o que, para Goldman, era necessário e significava mais um passo dado em direção à verdadeira emancipação.

Devido à Lei Comstock¹⁰⁵, qualquer literatura ou material contraceptivo que circulasse seria considerado imoral, e as pessoas que tivessem possibilitado essa circulação seriam consideradas criminosas. Mesmo assim, ao retornar do Congresso Anarquista de Paris de 1900, Goldman trouxe consigo dispositivos contraceptivos, usando, nesse sentido, o contrabando como uma forma de resistência. E, em 1915, Margareth Sanger¹⁰⁶ e Goldman uniram suas forças para lutar contra essa legislação. Goldman foi presa pelo menos duas vezes em virtude dessa lei. Devido à Lei Comstock, lutar pela liberdade sexual, pelo livre acesso a dispositivos

¹⁰³ LOBO, 1983, Op. Cit., p. 37.

¹⁰⁴ BLANCHETTE, Thaddeus. “Emma Vermelha e o espectro do ‘tráfico de mulheres’”. *Cad. Pagu [online]*. 2011, n. 37, p. 288.

¹⁰⁵ Anthony Comstock (1844-1915) foi um inspetor e político norte-americano dedicado a refletir sobre temas ligados a moralidade. Ademais, surgiu, naquele contexto, uma lei em sua homenagem, isto é, a lei federal que entrou em vigor, nos Estados Unidos, em março de 1873 e que, por sua vez, tornava ilegal qualquer material “imoral”, o que incluía os métodos contraceptivos.

¹⁰⁶ Margaret Sanger (1879-1966) ativista feminista fundadora da revista *The Woman Rebel*, que lutava pelo direito das mulheres a terem acesso aos métodos de “controle de natalidade”.

contraceptivos, pela democratização das informações sobre essas questões era também lutar pela liberdade de expressão. Seja proferindo palestras sobre o controle de natalidade, distribuindo dispositivos contraceptivos ou escrevendo sobre essas questões, Goldman contribuiu nessa demanda feminista e, nesse sentido, fica evidente uma faceta da sua militância feminista.

Sobre a importância da expressão sexual, Goldman apontou que “*la expresión sexual es un factor tan vital en la vida humana como el alimento o el aire*”¹⁰⁷. E, ao comentar sobre como chegou a identificar a relevância da expressão sexual, afirmou que

[...] no era mera teoría lo que me había llevado, en una etapa temprana de mi desarrollo personal, a discutir sobre el sexo tan abiertamente como lo hacía sobre otros tópicos y a vivir mi vida sin temor a la opinión de los demás.¹⁰⁸

Mas, apesar de “*entre los radicales americanos del Este había conocido a muchos hombres y mujeres que compartían mis puntos de vista sobre este tema y que habían tenido la valentía de poner en práctica sus ideas en su vida sexual*”¹⁰⁹, no que se refere às/aos anarquistas, Goldman confessa que “*en el círculo donde más me movía estaba bastante sola*”¹¹⁰. Ao considerar a expressão sexual como algo primordial na jornada pela emancipação, Goldman enfrentou certa resistência até mesmo dentro dos círculos anarquistas, sendo conhecida sua divergência em relação a seu camarada Piort Kropotkin. Mesmo nossa pensadora tecendo grandes admirações pelas concepções de Kropotkin, viu-se obrigada a discordar quando ele considerou que a emancipação feminina não tinha nenhuma relação com o sexo¹¹¹.

Goldman, por fim, reivindicou seu espaço dentro dos círculos anarquistas e feministas da época. Ela estava inserida nesse “contexto linguístico” e, ao valorizar questões que até então eram negligenciadas por muitos socialistas libertários e por algumas feministas, nossa pensadora deixou sua contribuição para a teoria e militância radical. Ao falar sobre os escritos de Goldman, a historiadora Margareth Rago declarou que “em diferentes frentes de ataque à exploração capitalista, ao imperialismo e à opressão de gênero, ousa discutir assuntos até então pouco enunciados por mulheres, mesmo entre as feministas”¹¹².

¹⁰⁷ “a expressão sexual é um fator tão vital na vida humana como o alimento e o ar”. GOLDMAN, Emma. **“Viviendo mi vida: Tomo I”**. Salamanca: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 1996, p. 257.

¹⁰⁸ “não foi a mera teoria que me levou desde o começo do meu desenvolvimento a discutir sexo tão francamente quanto outros tópicos e a viver minha vida sem medo da opinião dos outros”. Idem.

¹⁰⁹ “entre os radicais americanos do leste havia conhecido muitos homens e mulheres que compartilhavam meu ponto de vista sobre esse tema e que haviam tido a valentia de praticar tais ideias em suas vidas sexuais”. Idem.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Ibidem, p. 286.

¹¹² RAGO, Luíza Margareth. “Prefácio à Emma Goldman: tráfico de Mulheres”. **Cad. Pagu [online]**. 2011, n. 37, p. 263.

Após a análise do artigo “*Sufrágio Feminino*”, percebemos que Goldman pode, sem dúvidas, ser vista não somente como uma revolucionária, mas também como uma pensadora ativa, inserida em uma rede intelectual mais ampla. Sim, sua militância e sua filosofia estavam intrinsecamente ligadas, entretanto seria errado pensar que Goldman era apenas uma divulgadora das teorias dos demais. A essa altura, ficou claro que Goldman era capaz de desenvolver uma perspectiva própria, colocando-se como leitora de diferentes pessoas e, não raro, sendo capaz de se apropriar e ressignificar inúmeros conceitos disponíveis naquele contexto, como, por exemplo, o de “emancipação feminina” e o de “ídolos”. Desenvolvendo uma severa crítica à ideia de representatividade política e, evidentemente, não tecendo muitas esperanças em relação aos benefícios do voto, Goldman sugeriu outro caminho para a emancipação das mulheres que, por sua vez, passava pela criação de novos valores, pela libertação mental, moral, econômica e física da mulher. Por fim, podemos crer que Emma Goldman, mulher de origem judia e simples, conhecida em virtude de sua militância revolucionária, também desenvolveu uma teoria, uma filosofia, muito interessante e complexa.

Referências:

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. “**O perigo de uma história única**”. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- _____. “**Sejamos todas feministas**”. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BEAUVOIR, Simone. “**O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**”. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.
- _____. “**O segundo Sexo: Fatos e Mitos**”. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.
- BIANCHI, Bruna. “**El pensamiento anarcofeminista de Emma Goldman**”. Epílogo. In: “**La mujer más peligrosa del mundo: textos feministas de Emma Goldman**”. Edición: LaCongregación [Anarquismo em PDF], Portada: Reybum.
- BLANCHETTE, Thaddeus. “Emma Vermelha e o espectro do ‘tráfico de mulheres’”. **Cad. Pagu [online]**. 2011, n.37, pp. 284-297.
- BOOKCHIN, Murray. “**Anarquismo Crítica e Autocrítica**”. São Paulo: Hedra, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. “**Usos e abusos da história oral**”. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- _____. “**Corpos que importam: os limites discursivos do ‘sexo’**”. São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- _____. “**Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. “**Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?**”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CLASTRES, Pierre. **“A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política”**. Tradução Theo Santiago. Prefácio Tânia Stolze Lima e Marcio Goldman. São Paulo: Ubo Editora, 2017, p.190.

DAVIS, Angela. **“Educação e libertação: a perspectiva das mulheres negras”**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

_____. **“Mulheres, Cultura e Política”**. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

_____. **“Mulheres, Raça e Classe”**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **“Quotidiano e poder em São Paulo o século XIX”**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

DRINNON, Robert. **“Rebel in Paradise: A Biography of Emma Goldman”**. Chicago, University of Chicago Press, 1961.

ESTEVES, Martha de Abreu. **“Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque”**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1989.

FALK, Candace. **“Love, Anarchy, and Emma Goldman”**. New York, Rinehart and Winston, 1984.

GOLDMAN, Emma. **“Minha desilusão na Rússia (Vol. 1)”**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017. 254

_____. **“Minha desilusão na Rússia (Vol. 2)”**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2018. 176 p.

_____. **“Anarchism and Other Essays”**. Second Revised Edition. New York & London: Mother Earth Publishing Association, 1911.

_____. **“My Disillusionment in Russia”**. New York: Doubleday, Page & Company, 1923.

_____. **“O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios”**. São Paulo: Editora Hedra, 2007. 144 p.

_____. **“Questão Feminina/ Emma Goldman”**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Projeto Emma Goldman, 2019.

_____. **“Sufrágio Feminino”**. In: GOLDMAN, Emma. **“Questão Feminina/ Emma Goldman”**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Projeto Emma Goldman, 2019.

_____. **“The Social Significance of the Modern Drama”**. The Anarchist Library, 2009.

_____. **“Vivendo minha Vida”**. Curitiba: L-Dopa Publicações, 2015. 712 p.

IGGERS, Georg. “Desafios do século XXI à historiografia”. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n.4, março, 2010.

LOBO, Elisabeth Souza. **“Emma Goldman — A vida como Revolução”**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

MARTINS, Nilciana Alves. “A Revolução Russa por Emma Goldman”. **Aurora (UFF)**, 2018, n.1, pp.39-48.

_____. “Emma Goldman e Liév Trótsky: Uma Análise Comparada dos Discursos”. **Cantareira (UFF)**, 2018, n.28, pp. 161-171.

_____. “Emma Goldman: Trajetória, Anarquismo e Feminismo”. In: Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio – História e Parcerias, 2018, Niterói. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpuh- Rio, 2018.

_____. “Mulher, política e religião: o puritanismo por Emma Goldman”. **Revista Faces de Clio**, 2019, v.5, n.9, pp. 69- 82.

_____. “O controle de natalidade nas páginas da Mother Earth”. In: 2º Encontro Internacional História & Parcerias, 2019, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2019.

PEDRO, Joana Maria. “**Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**”. Florianópolis: UFSC, 1994.

PERROT, Michelle. “**Minha História das Mulheres**”. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

_____. “**Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros**”. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2017.

_____. “**Une historie des femmes est-elle possible?**”. França: Rivages, 1984. 227p.

RAGO, Luíza Margareth. “**As mulheres na historiografia brasileira**”. In: Silva, Zélia Lopes (orgs.). **Cultura Histórica em debate**. São Paulo: Unesp, 1995.

_____. “**Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**”. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985.

_____. “Prefácio à Emma Goldman: tráfico de Mulheres”. **Cad. Pagu [online]**. 2011, n.37, pp.263-271.

RICHTER, Liane Peters. “**Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura**”. 1998. Dissertação de Mestrado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SHULMAN, Alix Kates. “**La mujer más peligrosa del mundo**”. Prólogo. In: “**La mujer más peligrosa del mundo: textos feministas de Emma Goldman**”. Edición: LaCongregación [Anarquismo em PDF], Portada: Reybum.

_____. “**To the barricades: the anarchist life of Emma Goldman**”. New York: Crowell, 1971.

SILVA, Luciana Nogueira da. “ ‘Século Cristão no Japão’ ou ‘Século das mulheres cristãs no Japão’? O jardim nipônico de Agostinho de Santa Maria”. In: XXXII Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora. “O papel social do historiador: desafios contemporâneos para a escrita da História”, 2016, Juiz de Fora. **Anais**. Juiz de Fora, 2016.

SOIHET, Rachel. “**Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920**”. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1989.

WEXLER, Alice. “**Emma Goldman in Exile: From the Russian Revolution to the Spanish Civil War**”. Boston: Beacon, 1989. 301 p.

_____. “**Emma Goldman: An Intimate Life**”. New York, Pantheon Books, 1984.